

Muito além de evitar retrocesso

Eleições 2010. Plataforma da CUT quer ofensiva e defende participação popular.



Paulino Mendes/PT

Disputa aberta. Lançamento da pré-candidatura de Dilma, no 4º Congresso do PT.

Entrevista. Nalu Faria fala sobre a ação internacional de 2010.

10 anos de Marcha e 100 anos de 8 de março

Cerca de 3 mil mulheres caminharam de Campinas a São Paulo na 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres. O ato marcou os 10 anos da Marcha e os 100 anos da proposição do 8 de março como Dia Internacional das Mulheres. Sob o lema "Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres", elas marcharam por 10 dias, participaram de atividades culturais e de formação política ao longo da jornada. Confira entrevista de Nalu Faria, da coordenação nacional da MMM, sobre a ação no Brasil e em âmbito internacional.



Daniela Carrasco

Página 6

A disputa presidencial de 2010 tem organizado posições e iniciativas das forças sociais em movimento no Brasil hoje. Está em jogo a possibilidade de avanço rumo ao projeto democrático e popular ou o retorno ao período desastroso de hegemonia neoliberal. O grande desafio do movimento sindical cutista é vincular a disputa eleitoral com a disputa de projetos para o Brasil.

Com esse objetivo, a concepção de desenvolvimento apresentada na *Plataforma da CUT para as Eleições 2010* organiza a intervenção sindical nesta conjuntura. O conjunto dos elementos que compõem a formulação da central está sistematizado em forma de diretrizes e propostas que foram publicadas nessa Plataforma, que procura combinar crescimento econômico com três eixos estruturantes: valorização do trabalho; igualdade, distribuição de renda e inclusão social; e Estado democrático com caráter público e participação ativa da sociedade.

Página 3

Nesta edição:

- Uma celebração atual, 100 anos depois **página 2**
- Paraná: Corrupção, medo e represálias na Alep **página 4**
- DF: Em busca da redenção **página 4**
- Hobsbawn: A terceira crise **página 5**
- Fórum Social Mundial inova no formato **página 7**
- A derrota de Sarkozy **página 7**
- Uma nova geração e uma tradição de esquerda **página 8**

Uma celebração atual, 100 anos depois

História da luta. Livro reafirma origem socialista do Dia Internacional das Mulheres.



Marcos Anago

Nalu Faria

O livro *As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres*, traduzido para o português e publicado pela SOF Sempreviva Organização Feminista e Editora Expressão Popular, recompõe com detalhes a história da criação do Dia Internacional das Mulheres e a definição posterior de um dia unificado para sua comemoração, o dia 8 de março, acontecimentos diretamente vinculados à luta das mulheres socialistas.

Ana Isabel Álvarez González relata a permanente tensão das militantes socialistas para que as organizações e partidos da classe trabalhadora incorporassem as reivindicações das mulheres. Tensão que aponta para a necessidade de organização delas no interior da esquerda e para a construção do movimento de mulheres.

Ao se tornar referência no mundo inteiro, o 8 de Março tem um importante papel na manutenção da identidade de um movimento amplo de mulheres e é um instrumento de mobilização e aglutinação em torno da luta pela igualdade. Em um movimento tão amplo e disperso, a construção de um calendário de lutas pode ter um papel decisivo de mobilização e construção de uma identidade política, assim como a construção de símbolos, de dinâmicas próprias e o compartilhamento de uma história comum.

Um 8 de Março militante é parte do projeto de construção



GONZÁLEZ, A. I. A.
As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres.
São Paulo: Editora Expressão Popular e SOF-Sempreviva Organização Feminista, 2010.

Para saber como adquirir, entre em contato com a SOF: sof@sof.org.br ou (11) 3819-3876.

de um movimento de mulheres forte, capaz de atuar em conjunto com outros movimentos sociais, aglutinando as militantes organizadas também nos movimentos e organizações sociais mistos, em torno de uma plataforma que articule a luta pela igualdade entre mulheres e homens com a luta pela transformação das relações de classe e de raça. Em síntese, trata-se de atuar para que uma perspectiva que integre a luta pela igualdade, anticapitalista, antirracista e antipatriarcal seja o eixo estruturador do movimento de mulheres, um movimento feminista e socialista.

Essa disputa não se faz apenas no interior do movimento



Daniela Carrasco

de mulheres. No campo da esquerda, dos movimentos, partidos e organizações dos trabalhadores ainda prevalecem visões equivocadas do que é o feminismo. Com frequência, o movimento e suas reivindicações são caracterizados como de classe média, intelectualizado, sem relação com o que se avalia serem as necessidades das "mulheres comuns". Ao mesmo tempo, a opressão das mulheres é vista por uma ótica culturalista, no plano das ideias, sem que se compreendam ou se admitam as contradições materiais concretas das relações sociais de sexo, que são a base efetiva da necessidade da organização própria das mulheres.

A força das ideias feministas, mesmo que não com esse nome – isto é, a força da luta pela igualdade entre mulheres e homens –, construiu-se através de amplas lutas sociais, em consonância com uma proposta de mudança anticapitalista. Lutas em que as mulheres trabalhadoras tiveram

e têm um papel fundamental, na maior parte das vezes, tensionadas pela cobrança que contrapõe nossa fidelidade à classe trabalhadora e nossa rebeldia contra a opressão das mulheres. É nosso desafio romper com essa dicotomia.

Ao se completar um século desde que as mulheres socialistas reunidas em Copenhague aprovaram a proposta do Dia Internacional das Mulheres, a recuperação histórica do significado dessa data é uma contribuição importante para a reflexão sobre o que é constitutivo da luta feminista: a afirmação, cada vez mais, da autonomia e soberania das mulheres e de que a igualdade entre os sexos tem que ser parte fundamental de todos os processos de transformação. Esse é o lugar do 8 de Março na longa jornada das mulheres: reafirmar que sem socialismo não há feminismo, e sem feminismo não há socialismo.

Nalu Faria é coordenadora da SOF - Sempreviva Organização Feminista.

Mulheres

Dias 28 a 30 de maio, em Brasília, acontecerá a Plenária Nacional das Mulheres do PT. O evento é parte do calendário pré-eleitoral da militância petista, e tem a tarefa de aprofundar e sistematizar questões para um programa feminista a ser apresentado pelas nossas candidaturas tanto no âmbito legislativo quanto no executivo – Federal e Estaduais. A presença da pré-candidata do PT à Presidência da República, companheira Dilma Rousseff, está confirmada.

Negros e negras

O Encontro Nacional de Negros e Negras do PT está marcado para 14 a 16 de maio em Brasília. O encontro apontará questões para um programa de combate ao racismo, buscando avançar para além das conquistas do Governo Lula. Questões como juventude, quilombolas, mundo do trabalho e economia são alguns dos temas importantes que serão abordados.

Setorial Agrário

O Encontro Nacional Agrário do PT aconteceu no início de maio em São Paulo. Cerca de 150 delegados e delegadas de 14 estados compareceram para aprofundar o programa agrário do partido e avançar na reorganização da Secretaria. O deputado estadual gaúcho, Elvino Bohn Gass, foi eleito consensualmente secretário nacional agrário do PT.

Jornadas de Formação

A Jornada Nacional de Formação do PT se insere no processo de construção da Escola Nacional de Formação Política, aprovada no 3º Congresso e reafirmada no 4º Congresso. Ela tem o desafio de incluir um grande número de filiados e filiações em um processo de formação plural, capaz de transmitir os acúmulos políticos e programáticos compartilhados pelo conjunto do partido, e que permita à militância petista conhecer a história do PT e sua ligação com as lutas e conquistas dos trabalhadores/as brasileiros. Em abril de 2010, aconteceram as etapas estaduais da Jornada e, em maio, será a vez de municípios e regiões (micros e macros). Uma política de formação de qualidade garantida na agenda partidária contribui ampliar a participação dos filiados e filiações no dia-a-dia do PT. Certamente, ela também ajudará a instrumentalizar os e as militantes para o embate político-eleitoral de 2010.

Democracia Socialista

Democracia Socialista/Em Tempo é o jornal da Democracia Socialista, Tendência do Partido dos Trabalhadores, publicação da Associação Caeté.

Equipe de edição:

Alessandra Terribili, Carlos Henrique Árabe, Eduardo Mancuso e Juarez Guimarães

Colaboraram nesta edição:

Anderson Campos, Arlete Sampaio, Dr. Rosinha e Nalu Faria.

Editores:

Alessandra Terribili

Projeto gráfico e diagramação:

Caco Bisol

Jornalista Responsável:

Alessandra Terribili – MTB 14.779 DRT/RS

Fechamento: 30/abril/2010

A classe trabalhadora e as eleições 2010

Ofensiva. CUT quer desenvolvimento com soberania, direitos e participação popular.

O elemento que organiza, atualmente, as posições e iniciativas das forças sociais em movimento, no Brasil, é a disputa presidencial de 2010. Está em jogo a possibilidade de avançarmos rumo ao projeto democrático e popular ou retornarmos ao período desastroso da hegemonia neoliberal. O grande desafio do movimento sindical cutista é vincular a disputa eleitoral com a disputa de projetos para desenvolver o Brasil. Com esse objetivo, a concepção de desenvolvimento apresentada na *Plataforma da CUT para as Eleições 2010* organiza a intervenção sindical nesta conjuntura.

A experiência de governo do PT, com dois mandatos do Presidente Lula, é de profunda inversão de prioridades sociais, econômicas e políticas. O que vem se consolidando nos posicionamentos no interior do movimento democrático e popular em nosso país é que esta conjuntura deve ir além da batalha para evitar a possibilidade de retrocessos. Desejamos avançar rumo ao nosso projeto de desenvolvimento com soberania, valorização do trabalho, ampliação de direitos, democracia e participação popular. Esse é o tom das posições apresentadas pela CUT, pela UNE e pelas organizações articuladas na CMS – Coordenação dos Movimentos Sociais.

Pedras no meio do caminho

O lançamento da candidatura Serra tem o impacto de coesionar o campo da direita, depois de um longo período sem uma voz que unificasse seu discurso e suas iniciativas. O partido amplo da direita (a grande mídia e parte expressiva do empresariado) está em plena mobilização.

O projeto neoliberal é novamente defendido como o mais legítimo programa da direita brasileira. Anunciam o(re)enxugamento do Estado, o retorno da relação prioritária com as forças do capitalismo central no mundo e a criminalização dos movimentos sociais como a CUT e o MST.

Os bastiões da resistência neoliberal se desenvolvem no poder local, particularmente nos estados. É onde os tucanos resistem à ampliação de direitos da classe trabalhadora. O exemplo mais forte é a recusa de alguns governadores para implantar a Lei do Piso Salarial do Magistério, que estabelece um piso nacional para a profissionais da educação básica.

A direita mais tradicional e fisiológica tem desmoronado intensamente. Sua representação partidária, o DEM, está em rápido declínio. As sucessivas derrotas de seus coroneis e, mais recentemente, a prisão do seu único governador estadual – José Roberto Arruda, do Distrito Federal – confirmam o processo de marginalização desse setor na



Celebração. Dia do Trabalhador teve ato político e homenagem a Mercedes Sosa.

Um instrumento para disputar rumos

Plataforma da CUT. Lançado em 1º de maio, documento propõe modelo alternativo.

O conjunto dos elementos que compõem a formulação da CUT está sistematizado em forma de diretrizes e propostas que foram publicadas na *Plataforma da CUT para as Eleições 2010*.

O documento procura combinar crescimento econômico com três eixos estruturantes: valorização do trabalho; igualdade, distribuição de renda e inclusão social; e Estado demo-

crático com caráter público e participação ativa da sociedade.

A *Plataforma da CUT* é um instrumento para disputar os rumos do Brasil. Foi lançada no 1º de maio em todos os estados do país, quando também foi apresentada à pré-candidata Dilma Rousseff. Será utilizada para posicionar o movimento sindical cutista nas disputas eleitorais nos estados e para garantir que

as diversas candidaturas do nosso campo comprometam-se com as reivindicações da classe trabalhadora. A CUT luta para eleger o terceiro mandato do projeto democrático e popular, com vitória de Dilma. Mas sabe que é preciso, também, eleger uma bancada parlamentar comprometida com a classe trabalhadora e que contribua para desbloquear as mudanças.

Voltando a citar a referida resolução da CUT durante a crise econômica mundial, o centro da estratégia é organizar a classe trabalhadora para a "construção de um modelo alternativo, democrático e popular com horizontes transitórios para a sociedade socialista".

Para ter acesso ao texto integral da Plataforma, visite www.cut.org.br.

política nacional. Porém, sua força social ainda está viva. Os latifundiários organizados na Confederação Nacional da Agricultura – CNA – têm sua representação partidária no DEM. A senadora Kátia Abreu (Tocantins) é a principal voz no ataque às políticas de desenvolvimento rural do Governo Lula e aos movimentos sociais do campo. Como recurso desesperado, anunciaram, no mês de abril, mais uma guerra contra os movimentos de trabalhadores rurais sem terra.

O que tem se sobressaído no campo da direita é a velha cantilena do bom gerenciamento do poder público, a partir da redução de gastos sociais e incentivo à regulação privada da competição econômica, movimento dirigido pelo PSDB. Foi com esse discurso que os governos tucanos sucatearam serviços públicos (saúde, educação) e infraestrutura social e desvalorizaram os trabalhadores do serviço público. Mas também notamos, desde as últimas eleições municipais, o fenômeno do transformismo político na direita partidária. Trata-se de apropriação de discursos – e até de propostas – progressistas e de políticas sociais bem sucedidas. Mas são apropriações esvaziadas de conteúdo programático. Como exemplo, passam a defender políticas executadas

pelo Governo do PT, como se fosse possível executá-las num governo neoliberal.

No Poder Legislativo, é extensa a lista de iniciativas parlamentares que buscam retirar direitos e reduzir o poder do Estado no provimento das políticas públicas de caráter universal. Tanto o Senado Federal quanto a Câmara dos Deputados permanecem como trincheira dos neoliberais, dos latifundiários e do conservadorismo religioso. Estamos no oitavo ano de governo e não conseguimos reverter aspectos centrais da reforma trabalhista do governo FHC. O Congresso Nacional, hegemônico pelo conservadorismo, comportou-se com forte bloqueio a iniciativas populares, como a reiterada tentativa de colocar em votação a Proposta de Emenda Constitucional que reduz a jornada de trabalho para 40 horas.

A CUT não aceitou voltar pra zaga

No auge da crise econômica, que afetou o centro do capitalismo mundial, sofríamos pressão, no Brasil, por respostas imediatas para defesa dos empregos. Ocorreu, nas economias emergentes, verdadeira corrida para salvar as bases do sistema econômico e recuperar os padrões de crescimento. Como fizeram no período do ajuste neoliberal, as empresas buscaram diminuir

custos do trabalho, aproveitando o argumento da crise e as contribuições dos governos nacionais – seja em forma de financiamento público direto sem qualquer condicionante, seja pela omissão em termos de regulação pública do trabalho.

O movimento sindical, que em 2007 havia conquistado aumentos reais nos salários em mais de 90% das negociações coletivas, viu-se colocado frente à possibilidade de retornar à agenda defensiva dos anos 1990. Porém, a direção nacional da CUT definiu abraçar uma agenda que ampliaria a ofensiva de mobilização sindical. Resolução aprovada pela Central no auge da crise, amplamente divulgada pela militância cutista, evocava a tarefa de "enfrentar a crise ampliando a luta de classe e organizando a transição para um novo modelo de desenvolvimento".

A CUT assumiu, portanto, o desafio de questionar os padrões de desenvolvimento que levaram à crise mundial, iniciando um esforço de elaboração sobre alternativas de um modelo baseado na sustentabilidade, soberania, democracia e valorização do trabalho.

Deflagrado esse desafio, o movimento sindical cutista buscou concretizar sua proposta em uma concepção de desenvolvimento. Esta deveria abarcar o

conjunto das dimensões citadas aqui. Mais do que a defesa de um Estado indutor do desenvolvimento, o paradigma defendido pela CUT afirma a necessidade de constituição de esferas públicas cada vez mais estruturadas por processos de democracia direta e participativa.

Para aprofundar a mudança

O 10º Congresso da CUT consolidou a visão segundo a qual o Estado democratizado e fortalecido seria capaz de garantir regulação pública do trabalho, proporcionando, assim, um padrão de proteção social adequado e direitos para trabalhadores e trabalhadoras. Em especial, a busca por igualdade entre homens e mulheres nas relações de trabalho.

O aspecto da sustentabilidade deve envolver, segundo a formulação cutista, a modificação no uso de tecnologias e práticas predatórias de exploração do trabalho, utilizando os avanços técnicos e científicos para favorecer o exercício das potencialidades humanas, a garantia da saúde dos trabalhadores, as identidades e as relações sociais solidárias. Significa buscar o equilíbrio entre a exploração econômica dos recursos naturais e a preservação para uso futuro. Trata-se da alteração dos atuais padrões de produção e de consumo.

Corrupção na Assembleia, medo e represálias

Paraná. Denúncias envolvem diretores da Alep, população está indignada.

Dr. Rosinha

Gosto de andar a pé, seja caminhando para se exercitar, passear ou mesmo para ir ao escritório, ao mercado, à quitanda. Nos últimos dias, constantemente sou interrompido nas ruas de Curitiba, quase sempre para abordar um mesmo tema: as denúncias de corrupção na Assembleia Legislativa do Paraná (Alep)¹.

Nessas ocasiões, em geral, escuto de cidadãos indignados comentários como esses: "que falta de vergonha"; "como paranaense, estou envergonhado"; "alguém tem que fazer alguma coisa"; "que bando de ladrões"; "parabéns pela sua posição"; e assim por diante. Outros perguntam: "Mas o senhor, que foi deputado, não sabia de nada?".

Exerci o mandato de deputado estadual de 1991 a 1998, e já naquela época ouvíamos falar de irregularidades e de corrupção na Alep. Porém, éramos minoria, e sequer conseguíamos aprovar um pedido de informações. Mesmo com essa dificuldade, insisti em obter a lista de funcionários. Até hoje, não a obtive.

Apesar de desconfiar e de receber denúncias de irregularidades na Assembleia, nunca tive provas. Sem elas, o que fazer?

Questionamento histórico

Na legislatura anterior (1987-1990), o PT foi representado no Legislativo estadual por Pedro Tonelli, o primeiro deputado do Paraná a solicitar da Mesa Executiva da Assembleia a sua lista de funcionários. Na época, presidia a Casa o falecido deputado Aníbal Khury. Tonelli cumpriu quatro anos de mandato e, até agora, duas décadas depois, ainda espera a lista de funcionários. Será que já existiam os Diários Secretos?

Também exerci parte dos dois mandatos sob a presidência de Aníbal Khury, e sei o quanto foi difícil enfrentar a máquina montada por ele. Sei o quanto foi difícil ser oposição e reivindicar transparência.

Daquele período, guardo alguns momentos. Relato aqui dois deles. Numa ocasião, cobrado para que fosse realizado concurso público para a contratação de funcionários para a Assembleia Legislativa, Aníbal respondeu que não faria. Alegou que, em concurso público, "só passavam comunistas e japoneses". Falava em tom de gracejo, mas jamais faria concurso algum.

Em outra ocasião - não me recordo se há testemunhas -,



50 anos. Um desafio para Brasília é ser devolvida ao seu povo, plenamente.

Buscando a redenção

Distrito Federal. A capital federal faz aniversário em meio à maior crise de sua história.

Arlete Sampaio

O Distrito Federal é a unidade da federação com o maior orçamento per capita do país. São mais de R\$ 20 bi para 2010, e uma população de cerca de 2,8 milhões de pessoas. Poderíamos ter uma cidade sem problemas na oferta de serviços públicos de qualidade, na garantia de urbanização, saneamento ambiental, proteção ao meio-ambiente, transporte público eficiente. Entretanto, a desigualdade social é profunda na capital federal. Um IDH (Índice de Desenvolvimento Urbano) digno de países nórdicos nas áreas nobres convive com indicadores próximos aos de países subdesenvolvidos, na periferia.

A história política de Brasília é singular: construída em tempo recorde, arquitetura arrojada, abriu uma nova era de políticas públicas avançadas, vanguardistas, em saúde, educação, assistência social. O golpe militar de 1964 veio interromper esse ciclo virtuoso.

Aníbal me disse que eu, que dizia haver irregularidades e suspeitas de corrupção na Assembleia, deveria aguardar após a morte dele. "Aí, é que verá a corrupção". Será que Aníbal Khury tinha bola de cristal, ou apenas conhecia seus pares?

Investigação

Como cidadão que exerce o mandato de deputado federal, também me sinto agredido com o que ocorria e ocorre na Assembleia Legislativa do Paraná. E como cidadão consciente foi que solicitei a entrada da Polícia Federal nas investigações. Também

Seus governadores eram nomeados pelos ditadores. Com a redemocratização, iniciou-se a luta pela representação política do DF. Em 1986, houve eleição para senadores e deputados federais. Na Constituinte de 1988, conseguimos garantir autonomia política para o DF, eleição de governadores e de uma Câmara Legislativa.

Ao final da década de 80, governava Brasília, por indicação do então Presidente Sarney, o goiano Joaquim Roriz. Em 1990, ele se elegeu governador nas primeiras eleições gerais do Distrito Federal. Em 1994, o PT venceu e governou Brasília por 4 anos (1995 a 1998). Foi um período fértil, marcado por grandes investimentos na saúde, educação, transporte coletivo, cultura, além de profundas mudanças na relação entre estado e sociedade, com orçamento participativo e transparência na gestão do Estado. Programas como "Paz no Trânsito" deixaram suas marcas, como o respeito à faixa de pedestres.

nessa condição defendendo a renúncia, da Mesa Executiva do Legislativo, de todos os deputados que têm compromisso com a verdade e com a transparência, e que não compactuam com a corrupção.

São cobranças simples. Mas, após formulá-las, passei a ser vítima de mentiras, calúnias e, por incrível que pareça, até de ameaça à vida.

A partir desta situação, surgiu-me a pergunta: Por que um vizinho íntegro às vezes parece ter dificuldade de denunciar um outro vizinho, criminoso? Às vezes, não faz a denúncia por falta de provas. Em outras vezes, mes-

Corrupção

Em 1999, Joaquim Roriz voltou a governar Brasília, reelegendo-se em 2002, por uma estreitíssima vantagem em relação ao candidato do PT. Nesse ano, um processo interposto pelo PT dava conta de que Roriz desviou mais de 42 milhões de recursos públicos para sua campanha eleitoral. Naquele momento, a votação no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) foi perdida, mas, hoje, as investigações confirmam a nossa tese.

Com a vitória de José Roberto Arruda, ex-secretário de obras de Roriz, ex-líder do Governo FHC no Senado, onde protagonizou o escândalo do painel eletrônico, o esquema montado por Joaquim Roriz mudou de comando, mas seguiu seu curso.

Até que uma investigação encaminhada por Ministério Público, Polícia Federal e STJ (Superior Tribunal de Justiça) conseguiu, através da delação premiada, que falasse uma importante testemunha dos esquemas de desvio de dinheiro público na capital fede-

ral: um colaborador de Roriz, mantido por José Roberto Arruda. O governador foi preso e cassado, o vice-governador renunciou; e assumiu o governo distrital o Presidente da Câmara Legislativa, eleito com menos de 10 mil votos. Uma eleição indireta define quem cumprirá o final do mandato.

O Ministério Público da União encaminha ao STF (Supremo Tribunal Federal) pedido de intervenção no DF, dada a extensão do esquema de corrupção que envolve quase todos os deputados distritais, incluindo suplentes. Salvam-se poucos, entre eles, os quatro do PT. Há indícios de envolvimento de desembargadores e até de membros do Ministério Público.

Esse é o cenário que marca os 50 anos de Brasília. Mudar tudo isso só é possível se mudarmos a condução política do DF, tarefa que estamos construindo e que poderá representar a redenção da capital federal.

* Arlete Sampaio foi deputada distrital e vice-governadora do DF. Atualmente, integra a executiva nacional do PT.

1. Há pouco mais de um mês, uma série de reportagens do jornal "Gazeta do Povo", em parceria com a RPCTV, começou a revelar provas de escândalo milionário de corrupção na Assembleia Legislativa paranaense. Entre as irregularidades, estão o uso de laranjas, contratação de funcionários fantasmas, publicação secreta de Diários Oficiais e desvios de recursos. As denúncias atingem a direção do órgão. Um diretor e três ex-diretores foram detidos pela polícia, e mais sete pessoas, suspeitas de envolvimento.

A terceira crise

Outro ciclo. O historiador Eric Hobsbawm fala sobre a última grande crise do capitalismo.

Outra vez, estamos diante de uma crise fundamental do capitalismo. Evidentemente, o *laissez-faire* sempre foi o princípio fundamental do capitalismo, chamado também de livre mercado, de não intervenção política no mercado, ou livre movimento dos diferentes fatores econômicos. Esse princípio já estava globalmente generalizado na metade do século XIX.

Anovidade desde os anos 70, no meu modo de ver, é que a economia mundial se globalizou, não só porque as divisas ou outros meios financeiros foram negociados internacionalmente como antes, assim como importações e exportações, mas sim porque também a produção sofreu um giro internacional e/ou multinacional. Apesar de tudo, a novidade não foi a volta do *laissez-faire*, o livre mercado, mas sim, a forma como ele reaparecia, convertido em um novo dogma.

A maioria dos economistas não acreditava que o capitalismo se desenvolvia a partir de uma crise constante. Acreditavam que o livre mercado sempre resolve racionalmente os problemas que cria. Consequentemente, supunha-se que se generalizaria não apenas um crescimento econômico máximo, como também um bem-estar máximo do conjunto da população. Os seres humanos são indivíduos e agentes racionais num mercado que tem sua própria racionalidade. Por isso, não deveria haver dificuldades, não fosse a intervenção dos Estados, dos políticos ou de outros atores de fora do mercado.

Parece inacreditável, hoje, mas é fato que a maioria dos economistas acreditou nisso, fervorosamente, durante mais de 30 anos. Ademais, venderam como receita política.

Creio que é justamente por isso que a crise atual pareceu surpreender a todos. Não por ter chegado, mas pelo momento em que se deu. Era bastante evidente que o modelo de desenvolvimento que havia não poderia durar eternamente, mas quanto tempo duraria não era previsível. O desaparecimento da União Soviética, provavelmente, prolongou essa tendência e facilitou o trajeto pelo qual a maioria dos países caía no programa neoliberal.

A saída da crise

Toda essa gente, hoje, não tem uma solução nas mãos. Sabem que chegaram ao seu limite, sabem que o mercado puro e livre não pode funcionar mais tempo assim – e tudo isso sem falar na questão ecológica!

Agora é fato que os governos têm que intervir, mas não sabem como, se a única coisa que eles



têm nas mãos é o recurso que ensaiaram nos anos 30, e que, mesmo então, não teve êxito imediato. A crise econômica mundial que se instalou em 1929 durou uns tantos anos. Depois de tudo, foi a guerra que terminou com ela, e não a possibilidade de evitar a guerra.

Se hoje em dia vivemos uma crise semelhante, ela não se acabará no próximo ano ou no seguinte, ainda que a situação melhore algum dia, assim como depois de 1932 melhorou em âmbito mundial.

Mas para uma mudança de direção permanente, no sentido de uma nova economia mundial, será preciso muito tempo, e isso se complica ainda mais pela situação internacional. Macabramente, isso era diferente nos anos 30, já que havia internacionalmente um programa para a solução da crise: a preparação da guerra.

Hoje em dia, não é esse o caso. A forma que terá o mundo depois desta crise segue sendo algo bastante incerto.

As grandes crises que houve não são similares. A primeira, do fim do século XIX, desde a perspectiva moderna, não era uma crise, exceto para a agricultura e para os setores cujos preços caíram em decorrência dela. Os preços caíram um terço, e a agricultura era, nesse momento, claro, uma parte muito importante de todas as economias. Por outro lado, o mercado mundial e os investimentos estavam seguindo adiante, a produção aumentou enormemente. E mais: esse foi o momento em que a indústria da Inglaterra se expandiu pra outros centros. O que então fazia com que economistas como Marshall fossem pessimistas era a queda de preços, dos rendimentos e juros. Nessa situação, não se sabia como poderiam voltar os "bons tempos". Claro que também nessa crise quem pagava era quem sofria e passava aperto.

“Nos anos 30, não foi a esquerda a beneficiária da grande crise, mas o contrário.”

A terceira das grandes crises, que enfrentamos hoje, está se desenvolvendo numa situação global muito diferente. Em primeiro lugar, a economia mundial se deslocou fortemente. Os centros ocidentais ainda são muito importantes. Têm um capital imenso, quase garantido, não só industrial, mas também de formação e mentalidade, e ademais, seguem sendo os com mais riqueza per capita. Mas o grande problema da nova crise é a retirada relativa dos grandes centros pelo deslocamento da produção e também dos serviços de alta qualidade para outros países. Creio que, para muitas pessoas, nos países ocidentais, as perspectivas para o século XXI são muito menos otimistas que do que para as populações dos grandes países em desenvolvimento no Oriente. É possível que não haja colapso, mas o fato da retirada, e isso também vale para a Europa, não se pode negar. Inclusive, é certo para os Estados Unidos.

Desdobramentos

Qual será o impacto político? Esse é o grande problema. A esquerda, cuja base social era a classe trabalhadora, praticamente já não existe nos países desenvolvidos.

O Brasil é um exemplo muito bom de um movimento que, para mim, como historiador, lembra-me muito o fim do século XIX na Europa: existe um vínculo entre o movimento operário das grandes indústrias com o de outros trabalhadores, com ideologia de esquerda, inclusive com os intelectuais, que dá lugar a um partido de massas.

Esse, ao final, consegue levar seu principal líder ao poder, o qual é um dos poucos que foram, originalmente, de fato, proletário. Pode-se criticar muito o Lula, mas ele se corresponde com as esperanças que surgiram então na Europa. Isso não é revolucionário, mas também não o foi grande parte do movimento proletário na Europa. Queriam algo melhor que o capitalismo, mas a revolução no velho sentido não estava na ordem do dia no ocidente, nem na Europa central ou oriental, pelo menos, desde meados do século XIX. De todo modo, existe ainda um movimento de trabalhadores, mas a novidade é que a ideologia de esquerda, a ideologia originária do Iluminismo, de melhorar o ser humano e o mundo, essa ideologia teoricamente universal se viu seriamente afetada, assim como a base de massas desse movimento, e já não existe. Nem em sua forma comunista, nem na social-democrata – devem-se tratar ambas igualmente. Falou-se da crise do comunismo, que obviamente chegou ao seu final com a queda da União Soviética, mas a crise da social-democracia foi igualmente profunda e de fato ainda perdura.

E qual o resultado de tudo isso? Essas forças já não podem ser hegemônicas – mesmo que alguns partidos que haviam sido criações socialistas ainda existam, eles mudaram totalmente. O novo trabalhismo já não é o trabalhismo. Em alguns países, como a Alemanha, a tradição da social-democracia não se desenvolveu tanto quanto na Inglaterra, mas lá também mudou radicalmente. Contra tudo isso, vêm esses novos fenômenos: tenho medo porque, nos anos 30, não foi a esquerda a beneficiária da grande crise em boa parte da Europa, e sim, o contrário. Com exceção dos Estados Unidos, que giraram, na-

quele tempo, relativamente à esquerda, houve uma retração de toda a esquerda na Europa frente à ascensão do fascismo, de um movimento fascista que não podemos negar que tinha uma base social de massa. Assim era não só na Itália e na Alemanha, mas em países menores também. Disso, tenho medo.

Trata-se de movimentos que, em tese, não estão vinculados ao livre mercado. Nos últimos 50 anos, o conservadorismo e o livre mercado se aproximaram tanto que, nos Estados Unidos e na Europa, chegaram a ser praticamente a mesma coisa. Os conservadores são gente que insiste no livre mercado. Mas esse não é o caso da extrema direita, que não tem medo de romper tabus. A isso se acrescenta a insegurança total da ordem mundial.

Portanto, a curto prazo, não sou muito otimista. No transcurso dos próximos 20 ou 30 anos, será gerado um novo sistema mundial, assim, o capitalismo poderia continuar funcionando outros 30 ou 40 anos até que suas contradições internas se desenvolvam outra vez – a não ser que, enquanto isso, aconteçam catástrofes, o que nunca é impossível. Mas o que acontecerá com os interesses sociais das populações e dos povos, isso, absolutamente, não está claro.

De todo modo, pelo que sei, não há sociedade em que não exista o conceito de injustiça. Por isso, não deveria haver nenhuma em que pessoas não se indignem contra ela.

Trecho de entrevista publicada na revista espanhola "El Viejo Topo" (www.elviejotopo.com) em dezembro de 2009. Originalmente publicada em alemão, no livro *Zwischenwelten und Übergangszeiten. Interventionen und Wortmeldungen* (traduzindo para o português, "Mundos Intermediários e Períodos de Transição. Intervenções e Mensagens."), que contém artigos e entrevistas de Eric J. Hobsbawm e foi editado por Friedrich-Martin Balzer e Georg Fülberth, editora PapyRosa Verlag, Colônia, Alemanha. Tradução: Alessandra Terribili.

Mulheres em marcha

Entrevista. Nalu Faria fala da 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres.

Todos os anos, o calendário de lutas se abre com a luta das mulheres nas ruas, no Dia Internacional da Mulher. Este ano, aos cem anos dessa data, e completando-se dez anos de Marcha Mundial das Mulheres, elas foram além das ruas: foram marchar.

No Brasil, 3 mil mulheres caminharam de Campinas a São Paulo, dando visibilidade a uma plataforma política que incluiu temas como a questão do livre mercado e sua articulação com o patriarcado; autonomia econômica das mulheres; direito à autodeterminação; fim da violência sexista; contra a privatização de bens comuns e serviços públicos; paz e desmilitarização.

Em entrevista, Nalu Faria, integrante da coordenação da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil, contou como foram os dez dias de marcha, os meses de preparação que a antecederam e falou das perspectivas do movimento. "Queremos conquistas concretas nos países", afirmou, deixando claro que a marcha não pretende ser apenas simbólica.

O que é a terceira ação internacional da Marcha Mundial das Mulheres?

A Marcha realiza ações internacionais a cada 5 anos, que envolvem todos os países com uma plataforma comum. Tanto em 2005 como em 2010, a prioridade foi que a ação ocorresse nos países, ou seja, não se concentrassem em único local.

Em 2010, serão ações simultâneas, com 10 dias de mobilização sob o lema "Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres". As marchas se concentram em dois períodos: 8 a 18 de março, quando a ênfase esteve na celebração de 100 anos da proposição do Dia Internacional de Luta das Mulheres; e 7 a 17 de outubro, com ênfase na luta contra a militarização. A ação termina com um ato na República Democrática do Congo.

Entre o primeiro e o segundo períodos, há atividades por região. Nas Américas, haverá uma ação na Colômbia em agosto, realizada em conjunto com o Movimento de Mulheres contra a Guerra e pela Paz e outras redes continentais e movimentos sociais colombianos.

No Brasil, nossa marcha foi de Campinas a São Paulo, e contou com a participação de 3 mil mulheres do país inteiro. Durante a marcha foram realizados 3 atos públicos com uma mobilização ainda maior.

Qual o balanço desses 10 anos de Marcha no Brasil e no mundo?

Nesses 10 anos, desde a pri-



10 dias marchando. Nalu, ao lado de Aleida Guevara, em atividade de formação.

meira ação internacional em 2000, a MMM se consolidou como movimento internacional e está organizada em 65 países e territórios.

No Brasil, com a ação de 2010, a MMM avançou mais. Em primeiro lugar, mostrou que estamos construindo um movimento onde cabemos todas sem nos fragmentar. Isso esteve expresso na diversidade na ação: camponesas, urbanas, jovens e idosas, lésbicas, negras, indígenas, tantas outras. Em segundo lugar, busca se construir a partir de uma visão crítica global ao atual sistema de exploração, opressão e dominação, que é patriarcal, machista, capitalista, racista, lesbofóbico e depredador da natureza.

Como foi a preparação de uma ação tão ousada?

Reunir 3 mil mulheres para marchar 10 dias foi resultado de um intenso trabalho de organização. O processo preparatório envolveu várias atividades de formação e de arrecadação financeira, por exemplo. Foram centenas de reuniões, seminários estaduais, um extenso trabalho de articulação de apoios e de infra-estrutura. Mas, sobretudo, para garantir a mobilização das mulheres. Para muitas, a ação representou 16 a 17 dias, em função da viagem de estados distantes até Campinas.

Essa preparação se intensificou desde maio de 2009, após o seminário nacional em que se definiu o trajeto. Lá começamos a organizar comissões, debatemos a plataforma e concluímos um plano de mobilização para os estados.

Estruturalmente, no dia-a-dia, como foi possível garantir a marcha?

Ação no Brasil começou em Campinas, dia 8 de março, e caminhada até Valinhos no dia 9 pela manhã, e assim sucessivamente por 10 cidades. A estrutura era composta por alojamento em ginásios e tendas. Para a alimentação, havia uma equipe formada por militantes da Marcha e cozinha fixa. A comida era armazenada em marmittas retornáveis e transportada todos os dias até o local de alojamento.

Foi um acampamento itinerante. Houve todo um trabalho de articulação de espaços, de transporte das bagagens. Para garantir o funcionamento da marcha, foram organizadas várias comissões (saúde, distribuição de água, limpeza, segurança, distribuição da alimentação, comunicação e formação). Quase 300 mulheres se envolveram diretamente na divisão de tarefas, sendo que dessas, 80 estiveram na cozinha.

O horário de acordar era às 4h e às 6, e após um trabalho de alongamento, já estávamos em marcha, que durava entre 4 e 5 horas por dia. À tarde, a partir de 16h, começavam as atividades de formação e culturais. Cada dia um ou mais estados puxava a marcha. Esse rodízio permitiu a expressão de uma enorme diversidade criativa: nas músicas, nas palavras de ordem. Ao mesmo tempo, muita unidade.

Ao final da marcha, havia um sentimento generalizado de que houve capacidade coletiva de superar problemas e tensões. Para todas, a ação significou crescimento político.

O que mudou ao longo percurso, em relação ao planejamento original?

No início, pensávamos que tardariam três dias para tudo funcionar como o planejado.

Algumas coisas realmente foram assim. Basta olhar as fotos dos primeiros dias, em que a fila era bem irregular, mas depois foi virando uma fila mesmo. O ritmo também. Mas o interessante é que, a cada dia, foi crescendo a responsabilização coletiva para que tudo funcionasse. Assim que aparecia um buraco na fila, começava o coro: "olha o buraco".

No entanto, cada dia era uma surpresa. O que mudou foi a postura e a paciência das marchantes, fruto da construção de confiança mútua e de um crescente engajamento com a ação, que, para dar certo, dependia de todas.

A caminhada foi recheada de atos políticos, conte-nos um pouco deles.

Tudo começou com o lançamento da ação em Campinas. Ali já pudemos ver a energia e a vontade de que essa ação realmente contribuísse para que todas sejamos livres. As falas, as palavras de ordem, a batucada, a marcha até o ginásio mostraram um movimento com uma visão crítica radical e que busca transformações integrais para uma sociedade sem opressão, sem exploração e se discriminação.

No dia 13, em Várzea Paulista, o segundo ato foi para celebrar os 100 anos de proposição do dia 8 de março como dia internacional de luta das mulheres. Buscamos recuperar o processo histórico e o papel das socialistas. Como parte desse esforço, lançamos um livro sobre as origens do 8 de março, de autoria de Ana Isabel Álvarez González [veja artigo na página 2], fruto de um trabalho de tradução coletivo e militante de várias companheiras.

Também dedicamos um momento para manifestar nossa so-

lidariedade com as mulheres do Haiti. Organizamos uma coleta entre as participantes para contribuir com a reconstrução das organizações de mulheres naquele país.

No dia 18, quando chegamos a São Paulo, as paulistanas nos esperavam com um abraço que nos envolveu com imenso tecido lilás. Nas falas, na batucada e nas palavras de ordem, pudemos perceber o entusiasmo e a convicção de seguir marchando até que todas sejamos livres, como diz a chamada da terceira ação internacional em todo o mundo.

Qual foi a importância das atividades de formação?

É importante ter momentos de reflexão que complementem o restante das atividades. Preparamos um programa que se iniciou com debate em grupos sobre trabalho doméstico. No segundo dia, várias mesas temáticas traziam os eixos da ação.

No dia 16, contamos com a presença da cubana Aleida Guevara. Foi um momento forte de afirmação da nossa posição a favor de uma sociedade socialista em que possamos construir efetivamente igualdade e liberdade.

Apesar do cansaço das várias horas de marcha, a presença nas atividades de formação foi excelente. Sempre havia um amplo debate com as mulheres das diferentes regiões do país.

A ação no Brasil foi bastante vitoriosa, e certamente o será em âmbito internacional. Qual principal saldo que fica e quais as perspectivas a partir de agora?

Todas voltamos para nossos estados com muita vontade de fortalecer a organização da Marcha. As primeiras avaliações são de muito ânimo e vontade de seguir. Essa ação impactou fortemente as mulheres participantes e muitas outras que ajudaram na organização nos estados, mas não puderam vir.

Seguiremos trabalhando a plataforma, pois queremos conquistas concretas nos países. Por isso, seguiremos mobilizadas até o final da ação, em 17 de outubro, e esperamos que nossas reivindicações sejam assumidas pelo Estado brasileiro no executivo, legislativo e judiciário.

A marcha tinha também o objetivo de dialogar com a sociedade e contribuir para a construção de uma nova consciência. Acreditamos que mostramos nossa força e capacidade de organização, e com isso, mostramos que novas relações devem ser construídas. A partir da auto-organização das mulheres, construímos autonomia e força para forjar essas novas relações.

O Fórum Social Mundial inovando no formato

FSM 10 anos. Saiba como foi o evento na Grande Porto Alegre, em ano de descentralização.

Eduardo Mancuso

O FSM 10 Anos Grande Porto Alegre abriu o calendário do Fórum Social Mundial 2010 descentralizado. Aconteceu entre os dias 25 e 29 de janeiro, no marco da maior crise do capitalismo das últimas décadas.

A ideia de organizar a edição de 10 anos do FSM na Grande Porto Alegre foi apresentada ao Comitê Internacional após o Fórum Social Mundial de Belém, e desenhada a várias mãos. Inicialmente, pelas prefeituras do PT de Canoas, São Leopoldo e Novo Hamburgo, além da CUT-RS e do CAMP (a ONG Centro de Assessoria Multiprofissional) pelo lado gaúcho, com o Grupo de Reflexão e Apoio ao Processo do FSM (GRAP), constituído pelas entidades e organizações do núcleo histórico brasileiro, ao qual se somaram outras cidades, a prefeitura de Porto Alegre e movimentos sociais.

O FSM10 Grande Porto Alegre reuniu 35 mil pessoas (maioria de mulheres, quase 60% das inscrições) de 39 países em centenas de atividades políticas e culturais organizadas em um formato descentralizado inovador, metropolitano, em seis cidades (Canoas, Sapucaia, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Sapiranga e Gravataí) governadas pelo PT, além da capital, com a parceria da empresa Trensurb garantindo o deslocamento dos participantes pelo Território Social Mundial. Antes mesmo de a Marcha de Abertura iniciar na tarde de segunda-feira (25), levando vinte mil pessoas em caminhada do centro de Porto Alegre até a Usina do Gasômetro, o Acampamento Intercontinental da Juventude já estava em pleno funcionamento, reunindo mais de três mil jovens no bairro Lomba Grande em Novo Hamburgo.

Dia por dia

O Seminário "10 Anos Depois: desafios e propostas para outro mundo possível" reuniu dezenas de convidados nacionais e internacionais em diversas mesas temáticas ao longo da semana, contando com milhares de participantes e realizando debates de fôlego. As mesas temáticas debateram uma pauta de grande amplitude. Além do balanço do FSM; temas como Sustentabilidade, Economia e Gratuidade; Organização do Estado e Poder Político; Como Construir Hegemonia Política e Novo Ordenamento Mundial; entre outros, foram debatidos.

Na terça-feira (26), a principal mobilização foi o ato com Lula no ginásio Gigantinho, onde 10 mil ativistas dos movimentos sociais e militantes do



Tradição. A caminhada de abertura do FSM Grande Porto Alegre reuniu 20 mil pessoas.

PT assistiram ao presidente apresentar seu balanço político sobre o papel do governo brasileiro no cenário internacional e a importância do Fórum Social Mundial. À noite, iniciaram-se os shows no Parque de Canoas, que, ao longo da semana, teve média de público de 20 mil pessoas. Também em Canoas, realizaram-se a Feira da Economia Solidária e o Seminário Metrópoles Solidárias, Sustentáveis e Democráticas, organizado pela Rede do Fórum de Autoridades Locais de Periferia (FAL-P), que reuniu cidades governadas pela esquerda no Brasil, França, Espanha, Equador e Uruguai.

Na quarta-feira (27), aconteceu a plenária internacional da Marcha Mundial de Mulheres em Gravataí, cidade governada pela petista Rita Sanco, e reuniu centenas de feministas para debater e preparar a Ação Internacional do movimento. Enquanto isso, a Casa Cuba e a Reunião Mundial da Cultura aconteceram em São Leopoldo, enquanto debates sobre educação popular ocorreram em Sapiranga. Em Porto Alegre, destacaram-se também os seminários das centrais sindicais sobre crise o mundo do trabalho, e o do Sindicato dos Bancários sobre alternativas ao sistema financeiro.

2011 em Dacar, Senegal

Na sexta-feira (29), último dia do FSM10, os debates confluíram para a Assembléia dos Movimentos Sociais, realizada na Usina do Gasômetro, e para a Mesa de Sistematização do Seminário 10 Anos - Rumo a Dacar, na Assembléia Legislativa. A Assembléia dos Movimentos Sociais aprovou um documento apresentado pela Coordenação que destacava: o combate à militarização da América Latina; a defesa do meio-ambiente como prioridade central e a mobilização contra o aquecimento global; o enfrentamento às tentativas de criminalização dos movimentos

sociais pelas forças da direita; o compromisso em lutar contra o retorno de setores neoliberais aos governos da região; a denúncia do golpe em Honduras e das tentativas de desestabilização do presidente Lugo no Paraguai.

A Plenária de Sistematização das Grandes Questões e Contribuição para o Processo Fórum Social Mundial apresentou algumas sugestões consensuais: a proposta de formação de rede de movimentos sociais; investir para que a infra-estrutura do FSM mantenha coerência com seus valores, usando serviços locais e valorizando a economia solidária; trazer o acampamento da juventude para o centro das discussões; construir uma posição do FSM a respeito das mudanças climáticas; ampliar as conexões com a China e tentar envolver o país no processo do Fórum.

A última mesa, "Rumo a Dacar 2011 – A multiplicidade dos Fóruns", abriu a palavra aos representantes dos fóruns presentes: Crise de Civilização; Fórum da Palestina; Fórum das Américas; Fórum do Maghreb; Fórum Panamazônico; Povos sem Estado; Fórum Social Africano; Fórum Social Estados Unidos; Fórum Social Europeu; Fórum Social Temático Bahia. O FSM 10 Anos Grande Porto Alegre fez história com seu formato descentralizado inovador e oferecendo uma contribuição significativa ao debate de alternativas, estratégias e conteúdos do processo Fórum Social Mundial e do movimento altermundialista no rumo a Dacar.

Eduardo Mancuso é assessor de cooperação internacional da Prefeitura de Canoas (RS) e integrou o comitê FSM Grande Porto Alegre.

França: derrota de Sarkozy

Rumo a 2012. Esquerdas francesas buscam aliança; NPA rejeita integrar-se.

As recentes eleições regionais francesas tiveram como resultado a maior derrota da direita desde a eleição de François Mitterrand para a presidência do país, em 1981. O governo Sarkozy e o seu partido (UMP) assistiram o Partido Socialista "ressuscitar" politicamente após a fragorosa derrota sofrida nas eleições europeias do ano passado, e ganhar 21 das 22 regiões da França continental. Para completar, o maior rival de Sarkozy no seu partido, Dominique de Villepin, anunciou, logo após a derrota eleitoral da UMP, a criação de um novo partido de centro-direita para disputar as eleições de 2012.

A abstenção superou os 50%, expressando o descontentamento com três anos de gestão "hiperpresidencial" midiática e de poucos resultados, enquanto pesquisa realizada pela agência Ipsos mostrou que 58% dos franceses o rejeitam para as próximas elei-

ções presidenciais. O discurso da segurança com a política repressiva do governo aos jovens e migrantes nas periferias não reduziram a violência. Alguns analistas afirmam que, com a crise econômica, os agricultores votaram em massa na Frente Nacional de extrema-direita, que voltou a se posicionar como a quarta força política do país, após ter sido "esvaziata" eleitoralmente pela direita mais moderna de Sarkozy em eleições anteriores.

A esquerda se articula

O PS francês, sob a liderança de Martine Aubry, luta por reunir-se, renovar seu discurso, encontrar um programa político e recuperar a base social perdida desde a derrota de sua candidata, Segolène Royal, nas eleições presidenciais, que levou o partido a enfrentar sua maior crise. Já a Europa Ecologia, liderada por Daniel Cohn-Bendit, que reúne os Ver-

des, ecologistas de variadas matizes e alguns movimentos sociais (com a participação de Bové), e que havia obtido um surpreendente resultado nas eleições europeias (por volta de 15%), elegendo vários parlamentares, voltou a ter um bom desempenho nas urnas, sendo importante aliada do PS em várias regiões no segundo turno. A Frente de Esquerda, reunindo o Partido Comunista Francês, o Partido de Esquerda (cisão recente do Partido Socialista) e o grupo de Piquet (ex-dirigente da LCR que não acompanhou a maioria da Liga no processo de criação do Novo Partido Anticapitalista), alcançou 6%, índice semelhante ao que havia obtido nas europeias (quando conseguiu superar a cláusula de barreira e elegeu parlamentares).

O fracasso eleitoral do Novo Partido Anticapitalista (NPA), liderado por Olivier Besancenot, o "jovem carteiro" como é conhecido

(uma das figuras públicas com melhor imagem na opinião pública francesa, segundo pesquisas de opinião), resulta da política sectária adotada desde a sua fundação há menos de dois anos. O NPA vem se recusando a participar das tentativas de aliança e convergência da esquerda francesa, que, aliás, ainda está muito longe de superar a sua grave crise política, que culminou com a vitória presidencial de Sarkozy. O resultado do NPA nas eleições europeias do ano passado, primeiro teste político do novo partido, frustrou suas próprias expectativas otimistas, não conseguindo superar a barreira de 5% e nem eleger deputados ao parlamento europeu, como era esperado. Agora, nas eleições regionais, os resultados foram bem piores, ficando em torno de 2,5%. Já na região de Limousin (centro da França), onde o NPA se aliou com a Frente de Esquerda, chegaram a 14%.

Uma nova geração e uma tradição de esquerda

Formação política. Seguindo a Conferência, DS dá início a processo nacional de formação.

Anderson Campos

No mês de fevereiro, a Democracia Socialista reuniu noventa dirigentes de todas as regiões do país e de todas as áreas de atuação, durante quatro dias, na capital federal. A pauta: estudar a atualidade do nosso projeto para a construção socialista do Partido dos Trabalhadores.

A IX Conferência Nacional da Democracia Socialista, acontecida em Brasília em junho de 2009, havia resolvido realizar um processo de formação política com novos e novas dirigentes da tendência. Esse processo foi iniciado em fevereiro de 2010 e deve ser concluído em janeiro de 2011. Foram selecionados dirigentes regionais e de setores organizados em movimentos populares.

Os momentos presenciais, quando reunimos os participantes em um mesmo local, são intercalados com períodos de estudos à distância. Serão, ao todo, três momentos presenciais. Não serão aulas tradicionais. Utilizamos uma dinâmica por meio da qual recuperamos elementos da nossa tradição política, que são combinados com a experiência militante dos participantes do projeto de formação.

A tradição da DS, acumulada em 30 anos de construção política, tem sido analisada através de determinada leitura do marxismo. Verificando por outro ângulo, trata-se de estudar a atualidade dessa tradição para a construção socialista do PT.

Rumos da formação política

Assim, buscamos um duplo objetivo, absolutamente relacionados entre si. Por um lado, consideramos que existem limites programáticos para a construção do PT rumo ao socialismo. Desejamos, com esse projeto de formação política, subsidiar a geração mais recente de dirigentes da DS com munição da melhor crítica marxista. Com isso, essa militância poderá acumular maiores condições para contribuir com o esforço de atualização e superação desses limites.

O segundo objetivo está relacionado ao papel dirigente da



Carla Bezerra

Momento presencial. Participantes ouviram palestras e tiveram discussões em grupo.

nova geração. Queremos constituir um corpo de direção capaz de discernir conjunturas, de forma que os elementos regionais e setoriais sejam considerados numa dinâmica nacional e internacional. A identidade de classe se constrói em luta e, para nós, ela se realiza em cada processo de combate contra a sociedade de mercado. À frente de movimentos sociais, administrações democráticas, mandatos populares, dentre outras experiências, desenvolvemos instrumentos com potencial de alterar correlações de força. É a partir dessas experiências concretas que analisamos e nos posicionamos nas determinadas conjunturas. Nosso objetivo, aqui, é conduzir a tendência à direção partidária. O partido é a ferramenta pela qual unificamos o conjunto das experiências aqui referidas e que deve organizar, assim, a disputa pelo poder popular, democratizado.

Na primeira etapa, estudamos a contribuição da DS – acumulada no decorrer de trinta anos – para a construção do Partido dos Trabalhadores. Desta-

camos os fundamentos do que é, sob nossa leitura do marxismo, uma organização social e política chamada de democracia socialista. Nessa concepção, o feminismo tem lugar central na construção socialista.

Por fim, realizamos um longo debate crítico sobre os desafios atuais de construção partidária. A profundidade da crítica chegou ao ponto de questionarmos nossas próprias propostas. Um exemplo interessante, obviamente polemizado, foi a crítica apresentada à proposta de núcleos como forma de democratização desde a base da estrutura partidária.

A questão foi apresentada da seguinte maneira: nós, que defendemos os núcleos como forma mais radical de organização democrática do partido, estamos construindo experiências de nucleação em quais lugares e de que forma? A questão incorporou outras, que podem até ser consideradas sugestões de respostas. "Por que não apresentamos, em cada lugar onde militamos, a sede do diretório do par-

tido como um espaço político-cultural?", provocou Joaquim Soriano, ex-secretário nacional de formação do PT. O espaço físico do partido não pode ser apenas um lugar onde se faz reunião de direção e onde guardamos nossos arquivos. A comunidade petista precisa se encontrar. E esse encontro não precisa ser em reunião de instâncias.

Uma geração política, para ser nova, deve trazer a novidade do questionamento à burocracia, ao poder eminentemente burocrático. Os lugares de organização partidária não podem ser espaços de reprodução da dominação, mas de transformação do poder. A educação política se desenvolve em práticas, valores e códigos políticos. Esse sentido da construção partidária tem forte capacidade de convocação da base social petista, porque esta é militante e potencialmente socialista.

Próximos passos

Concluímos a primeira etapa apontando as tarefas para a etapa seguinte, a educação à

distância. No período de março a maio, os participantes refletirão sobre os fundamentos da revolução permanente e sua relação com a proposta de revolução democrática. Iniciamos com uma sucinta bibliografia de textos clássicos de Engels, Lênin e Trotski. Na realidade, condicionados pelo curto tempo, nos debruçaremos sobre o problema da permanência do processo revolucionário. Devemos, nos momentos seguintes, aprofundar o problema do aspecto democrático da revolução socialista e o papel a ser cumprido pelo Estado.

A terceira etapa, mais um momento de encontro presencial, será realizada de 11 a 13 de junho. Estamos retomando e atualizando a arte do encontro para a educação política. Desejamos promover o encontro do melhor da nossa tradição política com o surgimento de uma nova geração de dirigentes do socialismo democrático petista.

Anderson Campos é membro do Grupo de Trabalho de Formação Política da Coordenação Nacional da DS.

Conheça textos estudados na segunda etapa presencial do curso

Conceitos. Tema agora será a combinação de revolução permanente e revolução democrática.

O segundo momento presencial do processo de formação acontecerá em Brasília, entre 11 e 13 de junho. Mais uma vez, serão reunidos militantes da DS de quase todos os estados, os mesmos que se encontraram em fevereiro, que atuam em diversas frentes: sindical,

estudantil, partidária, movimentos sociais, mulheres, combate ao racismo, economia solidária, agrário e outras.

Nesta fase, serão estudados os fundamentos da revolução permanente e sua relação com a revolução democrática. Decerto, esse estudo

girará em torno da possibilidade prática de uma revolução socialista, e seu início se dará a partir das questões relativas à permanência da revolução. A orientação é de tratar a leitura com o olhar que Marx utilizou para analisar a experiência da Comuna de Paris: "a

forma política, finalmente descoberta, sob a qual realizar a emancipação econômica do trabalho".

Para isso, os textos propostos são: *O lugar do marxismo na história*, de Ernest Mandel; *Introdução à Guerra Civil na França 1895*, de Friedrich Engels; *O*

Estado e a Revolução, de Lênin; *A Revolução Permanente*, de Trotski; e *Mensagem da Direção Central à Liga dos Comunistas*, de Marx e Engels.

Os quatro últimos estão disponíveis para acesso a partir do site www.democraciasocialista.org.br, no link "Formação".